



capa | em foco

Indignação, sem líderes nem fronteiras

Qual o traço de união entre as manifestações que, no dia 15 de outubro, decorreram em mais de 800 cidades de todo o mundo? Criatividade e descentralização.

JORNAL LE MONDE
PARIS

Em espanhol, soa bem: “Los Indignados”. Imaginamos logo um novo filme de culto, uma espécie de Buñuel [realizador do famoso documentário *Las Hurdes/Terra sem Pão*] mas revisto por Pedro Almodóvar, com Che Guevara como principal personagem... Foi precisamente de Madrid que partiu o movimento, no dia 15 do passado mês de maio, quando umas centenas de jovens se reuniram nas Portas do Sol para gritar a sua frustração contra um sistema caduco.

Batizado 15-M, o movimento espalhou-se a outras cidades e, em seguida, a outros países europeus, incluindo Grécia e Portugal. Sempre com as mesmas características: sem líderes nem reivindicações precisas. E os mesmos alvos: a classe polí-

tica incompetente, a elite financeira que enriquece à custa da ruína das classes médias em tempos de crise. No sábado 15 de outubro, o 15-M reinventou-se sob a forma de uma indignação global, esperada em 860 cidades.

Antes disso, consagração suprema, a vaga atingiu a costa Leste dos Estados Unidos: Nova Iorque. Na verdade, os norte-americanos acreditam terem sido eles a descobrir a indignação, apesar de terem levado um bocado a dar-se conta dela. Nesta visão americana das coisas, a indignação teria nascido a 17 de setembro, no sul de Manhattan, mais exatamente em Zuccotti Park, agora rebatizado Liberty Plaza. Um grupo de manifestantes, na maioria jovens, avançou para Wall Street,



AUTOR
Sylvie Kauffmann

DATA
15.10.2011

TRADUTORA
Ana Cardoso Pires



2

1 Manifestante em Itália mascarado de Guido Fawkes, o homem que quis matar o rei inglês Jaime I
2 Protestos nas Portas do Sol, em Madrid, três meses após o 15-M
FOTO REUTERS E AP

o templo das finanças. Impedidos de lá chegar pela polícia, que protegia a Bolsa, retiraram para o vizinho Zuccotti Park. Acamparam por lá, organizados numa minissociedade civil, como fizeram os espanhóis antes deles, cada um sabendo o que tem de fazer na cozinha, nas finanças, na enfermaria, nas comunicações. Com o génio de *marketing* próprio dos Estados Unidos, o movimento adotou um nome (Occupy Wall Street), uma sigla (OWS) e uma definição (“Nós somos os 99%”), um sítio de retransmissão televisiva em direto na Internet (Global Revolution Live Stream) e um blogue coletivo (<http://wearethe99percent.tumblr.com>). Os 99% são uma referência ao facto de apenas 1% dos

norte-americanos deter 23,5% dos rendimentos do país. É uma desigualdade duas vezes maior que a verificada no final de 1970, altura em que 1% dos norte-americanos detinha 10% do dinheiro do país. Os 99% são os outros. Não é só o subproletariado negro ou mestiço de que a comunicação social costuma falar, mas os norte-americanos médios, brancos, urbanos, os membros das gloriosas classes médias que fazem a força dos EUA, que acreditam que vivem melhor que os pais mas pior do que viverão os filhos. É o progresso...

Nova forma de protesto

Se não está a par de Zuccotti Park, vá ao blogue dos 99%. Leia as histórias que contam e verá que o tal progresso cessou, porque só vai encontrar jovens diplomados subempregados e incapazes de pagar os empréstimos contraídos para custear os estudos, ou doentes que se privam dos

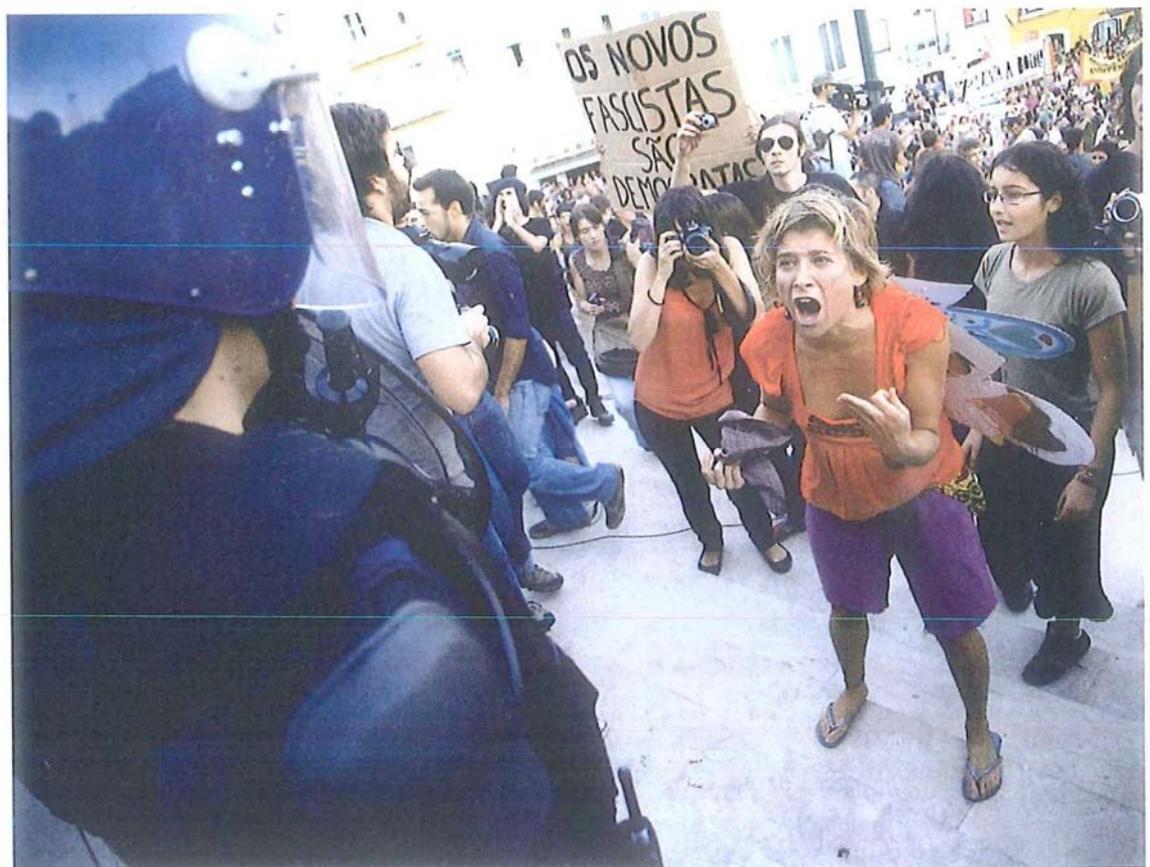
remédios para poderem pagar as contas.

“Indignado” não fica tão bem em inglês como em espanhol, mas Stéphane Hessel não teve dificuldade em explicar aos norte-americanos o significado do seu apelo. Estrela global, este resistente de 94 anos, que vendeu 3,5 milhões de exemplares de *Indignai-vos!* [3.ª edição em Portugal - 13 mil exemplares, editora Objectiva] em todas as línguas, foi convidado no final de setembro a pregar “Time for Outrage” na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, onde foi preciso arranjar um auditório maior do que o previsto para o ouvir. Os alunos aplaudiram-no de pé e, inevitavelmente, um representante da OWS pediu-lhe conselhos para a continuação do movimento. “Arranjem maneiras fortes de protestar que efetivamente afetem aqueles contra quem lutam”, respondeu Hessel.

Métodos que os indignados norte-americanos e os seus primos europeus parecem



3



3 Imagem destruída nos motins de Roma
FOTO DE GREGORIO BORGIA/AP

4 Manifestantes nas escadarias do Parlamento português
FOTO DE TIAGO MIRANDA/EXPRESSO

5 Jovens portugueses, os mais afetados pela crise
FOTO DE RUI DUARTE SILVA/EXPRESSO

ter encontrado. Gilda Zweman, professora de Sociologia na Universidade Estadual de Nova Iorque e especialista em movimentos contestatários, foi vê-los. “No começo, estava muito cética”, confessa. “Mas agora estou convencida de que estamos a testemunhar uma nova forma de protesto.”

Nos Estados Unidos, a referência da movimentação de protesto é a luta pelos direitos cívicos na década de 1960: um movimento organizado, com objetivos claramente definidos, estratégia bem estruturada e dirigentes com grande visibilidade. O OWS não cumpre nenhum desses critérios, razão pela qual os especialistas e os órgãos de comunicação ignoraram a sua existência durante as duas primeiras semanas. Para Gilda Zweman, a força deste movimento reside na sua abertura. “99% significa que ideologicamente se cobre todo o espectro. Assim que se fazem exigências específicas, perde-se gente. A mensagem é claramente anticapitalista, mas é muito aberta. A tática de mobilização é não dividir, o que permite ao movimento crescer e aumentar a pressão sobre as elites.”

Contestação à escala global

Ao contrário dos indignados espanhóis, que acusam os eleitos de não os representarem e exigem “uma verdadeira democracia”, os norte-americanos não se posicionam no terreno político. Falam de finanças, dívida, corrupção e resgate da banca à custa dos contribuintes. O seu alvo, por enquanto, é Nova Iorque e não Washington. Alguns consideram a mobilização antiglobalização de Seattle, em 1999, a origem do movimento atual.

Outros preferem vê-lo inspirado na Primavera Árabe, quando não nos jovens israelitas que protestam acampando na rua ou na contestação estudantil no Chile que dura há cinco meses. A indignação nem aos chineses é estranha: protestam muito mais do que pensamos.

Multiforme, esta indignação sem fronteiras pode variar nos objetivos, mas os seus atores têm o mesmo perfil - jovens com 20-30 anos, geralmente com formação académica, aqueles que, em princípio, estariam mais bem equipados para o novo mundo. Utilizam as mesmas tecnologias e partilham as mesmas frustrações. Não rejeitam a globalização, cujos benefícios entreveem, mas recusam-se a pagar a deslocalização económica e social que o sistema provoca.

E a incapacidade dos sistemas políticos para a gerirem. ☹



A JORNADA MUNDIAL DO 15 DE OUTUBRO

O mundo protesta em coro

É um movimento de protesto à escala global como não se via desde as manifestações contra a Guerra do Vietname, nos anos 1960. Centenas de milhares saíram às ruas a 15 de outubro em 85 países, da Nova Zelândia a Portugal, passando por Espanha, França, Reino Unido, Itália, Bélgica, Brasil, EUA, África do Sul, Indonésia, Israel ou Jordânia: 800 cidades nos quatro continentes.

O movimento inspira-se, do ponto de vista simbólico e geracional, na Primavera Árabe: a geração do Facebook, com diplomas universitários mas sem perspectivas de emprego, volta a estar na primeira linha dos protestos. As semelhanças ficam por aqui porque não é de prisões arbitrárias nem do peso de uma ditadura que contestatários europeus e norte-americanos se queixam.

Marcos salientes são o movimento 15-M espanhol, que em maio acampou nas Portas do Sol e o recente Occupy Wall Street (OWS), no Zuccotti Park de Nova Iorque, agora rebatizado Liberty Plaza (em árabe se-

ria Praça Tahrir...). O lema “Nós somos os 99%”... dos americanos porque a riqueza está concentrada nas mãos dos restantes 1%. O OWS insurge-se não tanto contra o sistema capitalista mas contra a salvação dos bancos à custa dos contribuintes e contra as manobras da alta finança.

Europa mais politizada

Os europeus politizam mais e contestam a globalização, as deslocalizações de fábricas e a falta de autenticidade do sistema parlamentar. Os protestos foram, não só pacíficos como inteligentes: o *mayor* de Nova Iorque quis desocupar a Liberty Plaza a pretexto de mandar limpar o local. Os manifestantes responderam, fazendo, eles próprios, uma limpeza exemplar. Só em Roma os protestos descambaram em batalha campal por causa da infiltração de ultramontanos dos Black Blocs. O Governo alemão já manifestou “compreensão” pela luta dos indignados e Durão Barroso disse que a conduta de alguns bancos “foi criminosa”. ☹